

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio. Roberta Sampaio Guimarães (depoimento, 2016). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 7min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FAPERJ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Roberta Sampaio Guimarães  
(depoimento, 2016)**

Rio de Janeiro

2021

***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Levantamento de dados:*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Pesquisa e elaboração do roteiro:*** João Marcelo Ehlert Maia;

***Técnico de gravação:*** Ninna Carneiro;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 06/09/2016 a 06/09/2016

***Duração:*** 1h 7min

Arquivo digital - áudio: 1;

***Temas:*** Antropologia; Associação Brasileira de Antropologia (ABA); Carreira acadêmica; Ciências Sociais; Pós - graduação; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

## *Sumário*

Entrevista: 06/09/2016 Formação em comunicação social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); interesse por documentários; após conhecer Ana Maria Galano teve interesse pelas Ciências Sociais; bolsa técnica de laboratório no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS); mestrado e doutorado no IFCS; trabalho como fotógrafa antropóloga; após morte de Ana Maria Galano passou a ser orientada por Reginaldo; trabalhou no IBAMA; trabalhou na Koinonia com comunidades quilombolas; consultorias durante o mestrado; trabalho na Ecology; realização de projetos para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); dona de um bar na Lapa chamado Cachaça Esporte Clube, muito frequentado por cientistas sociais; fechou o bar por gostar mais da carreira acadêmica e por brigas familiares; em 2007 inicia trabalhos de campo; interesse por concursos; em 2011 passa no concurso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e assume em 2012; não assume a bolsa de pós-doutorado no IFCS com orientação de Reginaldo; rotina de trabalho; gravidez; preparação de aula na própria casa; a experiência de dar aulas; a experiência de orientar; dar aulas junto com Lia no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) na UERJ; organização do trabalho; projetos de pesquisa; projeto sobre conflito urbano; projeto sobre patrimônio e cidades; projetos coletivos; realização de pesquisas quando dá tempo; ida a campo com os alunos; publicação com dados não analisados na tese; ser uma antropóloga mãe; produção de artigos e livros; a prática da escrita; retorno dos pareceristas; tipos de escrita; percepção do trabalho no mundo acadêmico e em organizações não governamentais (ONGs); iniciou Grupo de Trabalho (GT) na Associação Brasileira de Antropologia (ABA); interesse pela produção; trocas intelectual externa à Antropologia; interesse em pós-doc em Nova Iorque ou Chicago; fazer terapia porque o campo afetava; lugar subjetivo da escrita; gostar de escrita; calcular a pontuação das publicações e das parcerias.

*Entrevista: 06/09/2016*

J – Hoje é dia 6 de setembro, entrevista com Roberta Sampaio Guimarães na residência dela. Roberta, obrigado por ter me recebido. A primeira pergunta é como você começou sua atividade, digamos assim, profissional como cientista social? Você é formada em Ciências Sociais?

R – Não...

J – Então, me conta aí...

R – Eu sou formada em Comunicação Social, a minha graduação foi na UFRJ, na ECO. Eu estava acabando a comunicação quando conheci a Ana Maria Galano do IFCS, eu achei ela o máximo porque eu queria trabalhar com documentário. Mas eu não achava que a formação da ECO era boa do ponto de vista conceitual, era muito técnica. Eu conversei com ela e ela me chamou para fazer uma bolsa no IFCS, uma bolsa técnica de laboratório, eu animei de fazer um mestrado com ela. Aí eu fiz o mestrado e o doutorado no IFCS, não com ela porque ela morreu logo, assim que eu entrei no mestrado ela morreu... quase desisti, porque eu gostava dela principalmente.

J – Isso era que ano que você entrou no mestrado?

R – Era 2001 eu acho... 2001. Acho que vou ter fazer a conta para trás senão não vou lembrar. Em 2011 eu acabei, cinco para trás 2006, um ano... sinceramente, não lembro 2001 ou 2003 [era 2002], mesmo fazendo conta para trás porque eu fiz um intervalo, fui trabalhar em outro lugar, voltei...

J – Onde você trabalhou, tinha a ver com coisas de comunicação ou com ciências sociais?

R – Quando eu comecei a trabalhar com a Ana eu já dei um tempo de trabalhar com outras coisas, eu trabalhava com evento, com vídeo, mais na comunicação. Eu comecei a fazer mais coisas de fotografias, fotografia documental, passei no mestrado e comecei a trabalhar numa consultoria ambiental como antropóloga. Depois que a Ana morreu eu fui ser orientada pelo Reginaldo e deu certo também, ainda bem! Aí eu comecei a trabalhar como fotógrafa antropóloga, ainda estava num momento de transição...

J – Na consultoria você trabalhava como antropóloga fotógrafa, como era isso? O que você fazia?

R – Eu comecei fazendo registro de evento, evento comunitário e tal. E depois eu fiz uma viagem grande que era de documentação da Amazônia, aí fez uma diferença as ciências sociais

porque antes fazia mais diferença a fotografia [risos]... depois, eu acabei entrando numa equipe de filmagem e documentação para ficar um mês na Amazônia, foi muito legal. Era um impacto ambiental, quer dizer, todo o contexto era péssimo porque o contexto desses trabalhos a gente não tem muito domínio do que vai acontecer, politicamente. A gente aponta muitos problemas no licenciamento mais o poder que a gente tem de fato para mudar as coisas é praticamente nulo, então, fazemos relatório, documentamos, mas o licenciamento acontece de qualquer maneira, porque as forças são outras, não somos nós [que decidimos os resultados]. Mas, nesse momento eu estava adorando porque eu fui fotografar a Amazônia, fiquei um mês lá andando de barco, foi legal, eu comecei a gostar mais e trabalhar mais na consultoria sem ser em fotografia. Eu assumi projetos, principalmente de relatórios de identificação de populações, eu trabalhei no IBAMA depois, fiz o concurso...

J – Você fez concurso no IBAMA?

R – Não era concurso, era um edital, era um contrato, não sei se de seis meses ou um ano, era um contrato mais curto para fazer avaliação, parecer de programas de educação ambiental, de controle [das condições] do trabalho e comunicação social. Eles não estavam conseguindo dar conta, tinha um volume enorme [de pareceres a serem feitos] e eu tinha experiência nas três áreas. Eu consegui entrar nesse edital e foi o máximo porque ganhava bem, ganhava melhor do que a consultoria, e comecei a trabalhar numa ONG também.

J – Junto com o negócio do IBAMA?

R – Junto, tudo junto.

J – Qual era a ONG?

R – Era a Koinonia, uma ONG que trabalha... eu trabalhava principalmente com comunidades quilombolas, mas foi meio que os contratos eram de seis meses, um ano, então juntava uma parte, depois eu ficava um tempo só em um, depois juntava outra parte, nunca cheguei a ficar sem trabalho...

J – Mas, não era um emprego estável necessariamente, que assinasse carteira, etc.? Era tudo por projeto?

R – Não... era tudo por projeto e eu estava... no mestrado para o doutorado eu passei sem muito intervalo, então em um mês eu estava com bolsa, então eu só poderia pegar mesmo projeto. Eu ficava estudando, fazia o mestrado e doutorado, e pegava essas consultorias. E continuei na *Ecology*.

J – Ahh, você fazia tudo...

R – Fazia tudo [risos] ao mesmo tempo. E a *Ecology* eu fiquei seis anos que foi a primeira consultoria. Só na época do IBAMA é que eu saí da *Ecology* porque tinha muita pressão e aí não foi legal porque eu estava avaliando colegas e foi estranho isso, não achei que isso fosse acontecer...

J – Avaliando colegas? Como foi isso?

R – Estava... pessoas que eu conhecia.

J – Da gestão, era isso?

R – A avaliação do IBAMA era para dar parecer de projetos implementados. O problema é que eu pegava projetos de pessoas que eu conhecia. Nessa época que eu vi que eu iria pegar projetos deles eu saí da consultoria e fiquei só na ONG porque eu não avaliava projetos de ONG só projetos de implementação. Depois o IBAMA acabou e eu voltei. Foi a única coisa que eu não consegui conciliar porquê...

J – Então, chegou uma época em que você estava no IBAMA, no doutorado e na ONG, ao mesmo tempo quase?

R – Não... esse tempo é muito difícil. É claro que foi tudo ao mesmo tempo o tempo todo [risos], mas eu acabei do meio do mestrado para o final eu peguei um pouco de consultoria. No mestrado, eu fiquei [fora da academia] nove meses até começar o doutorado, aí eu peguei dois projetos, começou o doutorado eu comecei a me libertar de algumas coisas para poder fazer o projeto de doutorado, mas continuei pegando o licenciamento, só que não era um projeto atrás do outro. Então, parece que... mas, tem, tem um ano que eu tenho cinco coisas ao mesmo tempo, mas são períodos curtos, para a UNESCO, estou fechando um e abrindo outro, trabalhei num monte de lugar, pegava projeto direto, e abri um bar, que você deve saber também [risos]... minha trajetória profissional acadêmica é totalmente caótica se contada dessa forma... Mas, o que eu estou contando aqui durou seis, sete anos. Eu tive um bar na Lapa chamado Cachaça Esporte Clube que era um bar que foi muito frequentado pelos cientistas sociais...

J – Peraí era aquele que ficava na Riachuelo esquina com a Silvio Romero? Eu ia lá...

R – Isso mesmo. Então, era meu. Era meu, do meu irmão e da minha mãe.

J – Era ótimo o bar.

R – Era para o perfil...

J – Era ótimo o bar.

R – Nós fizemos uma festa de inauguração e estava lá o povo de Ciências Sociais porque foi também uma coisa dessa transição do mestrado para o doutorado e eu não sabia se iria fazer

carreira acadêmica, não sabia se iria ter bolsa, aquele caos. Peguei a consultoria, era uma equipe de 40 pessoas, eu lembro que nessa época eu realmente me estressei, foi em 2006, esse ano eu lembro bem, 2006 foi um caos porque eu tinha consultoria com uma equipe enorme, estava começando o doutorado, consegui bolsa o que foi o sufoco, quer dizer foi ótimo, mas teria que cumprir as matérias logo e abri o bar, tudo no mesmo ano, e não tinha como abrir mão porque eu achei que alguma coisa não iria acontecer. E aconteceu. E depois de um ano fechou o bar porque eu comecei a gostar mais da carreira acadêmica.

J – Mas, o bar estava dando certo? Não estava falindo...

R – Não, economicamente dava certo... estava falindo familiarmente, era muita briga, nós brigávamos o tempo inteiro e não valia a pena. Mas, nós vendemos o bar bem, cheio, não chegava a dar lucro porque nós não éramos organizados a esse ponto, mas também não dava prejuízo. Ninguém era administrador [risos] era meio “vamos abrir um bar”, meio rápido... Lá por meados do doutorado é que eu resolvo concentrar de fato na carreira acadêmica.

J – E você tem essa coisa: agora eu quero terminar, fazer concurso, isso virou um projeto para você do meio para o final do doutorado?

R – Vira... do meio para o final porque eu começo a gostar muito do campo. Foi em 2007 que eu comecei a fazer trabalho de campo, aí começa a fazer mais sentido. A consultoria também começa [conversa paralela 9min]

J – Você estava falando do campo.

R – Eu comecei o campo e comecei a achar que tinha folego, a ver um sentido naquilo, e tinha coisas da consultoria também. O que aconteceu depois de seis anos tem uma coisa meio assim: ou era incorporada, sempre trabalhei por projetos e nunca quis ser funcionária, ou era incorporada, o que era péssimo, ganhava um pouco mais, mas trabalhava mais do que o dobro, e não valia a pena. E tinha um problema político mais sério para mim, eu tinha dificuldade mesmo, eu não critico quem faz, não é essa a questão, mas, não dá, você não pode apontar uma coisa que vai dar um problema, aquilo passar e até ser retirado. Tem um editor, digamos assim. Aquilo às vezes sai do relatório. E quanto mais perto de uma gerência se está, mais eu me sentia participando daquilo, não só fazendo um estudo, sabe? Eu fiquei com drama de consciência, não tinha condição para mim. Acho que tem gente que faz lindamente esse trabalho, tipo a Priscila que se engaja e consegue tirar leite de pedra, do tipo tem muita dificuldade, mas consegue nem que seja aprovar tal coisa ou defender uma parcela da população. É incrível, mas para mim não deu.

J – Não deu... você faz o doutorado e como é que você chega na UERJ? Você fez vários concursos?

R – Não, foi super rápido. Eu já estava muito pilhada com essa coisa da tese. Eu morei no Morro da Conceição, eu fiquei acho que dois anos fazendo campo, mais de dois anos. E no final eu dou um investimento teórico maior, assim, no final mesmo, no último ano. Fui fazendo aquela coisa de fazer os cursos e tal, mas com uma preocupação mais narrativa foi no último ano. E decido que quero, porque acho que dava, vou fazer concurso e tal, aí a minha preocupação era acabar uma boa tese porque eu achava que fazia uma diferença o impacto da própria tese não só o estudo do concurso, eu acho que me formo em fevereiro de 2011, e aí tem um concurso para UNIRIO em março que é o primeiro que eu faço. E antes eu faço uns dois concursos para substituto e não passo porque eu não tinha nenhuma, nenhuma experiência...

J – Você não tinha tido ainda nenhuma experiência?

R – Eu tinha tido estágio docência, que é pouco e ninguém considera muito. Não era boa de concurso e não tinha me preparado para isso e aí eu não cheguei nem perto de passar. E tem aquelas pessoas que fazem para substituto que tem doutorado, pós-doutorado, oito anos de docência, enfim eu cheguei à conclusão que substituto eu nunca iria conseguir, que teria que tentar fazer um concurso de verdade, efetivo tinha mais chance. Eu faço o da UNIRIO e fico em quinto, consigo estudar pouco porque tinha acabado de defender [a tese] e veio esse da UERJ. Faço um pós-doutorado e chego a me inscrever num concurso em Juiz de Fora, mas torço o pé na véspera, então foi bom porque eu preparei os pontos e deu uma adiantada no concurso, mas não tinha conseguido ir. Aí abriu o da UERJ, estou com o pé... estava em casa... aquelas coisas que fazem a diferença, porque eu tinha dispersão zero, não conseguia ir para lugar nenhum. Eu estudei muito, preparei, achava que daria, peço ajuda do Joca, o Joca já tinha passado [em concurso], uma ajuda de treinamento mesmo, ele leu o que estava escrevendo, me dava sugestões, tinha que elaborar uma questão assim... ficou uma meta passar no concurso e ficou quase um ano assim, nove meses... eu tinha passado já em um pós-doutorado que começava em outubro, mas que não tinha conseguido ir por causa do pé quebrado, tinha torcido...

J – O pós-doutorado era no IFCS mesmo...

R – No IFCS mesmo com o Reginaldo. Eu fiz o concurso da UERJ e passei, então foi super rápido para mim. Mais rápido do que eu imaginava, passei e acho que o concurso foi em novembro.



J – Isso em 2000 e?

R – 2010 [em 2011]. Eu assumo em 2011 [em 2012]. Tanto que eu não chego a assumir a bolsa, eu passei a bolsa para outra pessoa de pós-doc.

J – Quase imediatamente...

R - Quando eu consigo o pós-doc eu passo também. Porque para mim eu estava me preparando, preparando, eu sabia que a média era de cinco concursos, lá pelo quinto concurso eu passo. Vou tentar pelo menos melhorar porque eu tinha passado em quinto, se eu passasse em terceiro agora [estava bom]. O concurso da UERJ tinha muita gente, estava cheio à beça.

J – Você está há um pouco mais de cinco anos na UERJ.

R – Passei... é cinco anos [quatro anos].

J – Como é que é se você pudesse descrever, se é que existe isso na sua rotina, como seria um dia típico seu, de trabalho?

R – Na UERJ ou...

J – Trabalho seu, se é na UERJ ou relacionado...

R – Eu não consigo falar... não dá para descrever porque são cinco anos, eu passei para a UERJ e engravidei. Por isso, também a sensação de que estou a menos tempo, até eu tenho essa sensação. Eu passei para UERJ, comecei a dar aula, eu engravidei e teve uma greve. Eu peguei uma parte da gravidez em greve. Depois pego a licença da gravidez que é outra coisa, do recém-nascido de nove meses. Eu volto e consigo fazer uma rotina em dois anos mais ou menos e aí entra outra greve enorme.

J – Que foi essa agora?

R – Que é essa agora. A rotina foi meio engraçado, eu não tinha experiência de dar aula, eu fiquei um ano aprendendo a dar aula, para mim, pessoalmente, eu passava quase o tempo inteiro preparando aula.

J – Você preparava aula em casa ou lá?

R – Em casa. Eu preparava em casa e lá eu tinha uma mesa dividida, cedida, tipo se você precisar muito fazer alguma coisa vem para cá.

J – Tinha um computador, algo assim?

R – Não era meu. Não tinha nada meu. Era uma sala, uma mesa que era de outra pessoa, que a pessoa mesmo que era a Márcia falou “pode usar a minha mesa se precisar, o meu computador...” Mas, era tudo dela, as coisas eram dela, a mesa era dela, era uma sala grande tinha umas dez pessoas, mas não tinha uma estrutura, não teve nada e nenhum movimento

administrativo ou acadêmico de alocar, assim foi uma coisa meio informal, ou seja, eu não ficava lá porque não era um espaço de fato. Ano passado, esse foi o primeiro ano...

J – Esse primeiro ano você ficava aqui, tipo aqui na sua casa?

R – Ficava em casa e preparava e dava aula ainda muito tensa com a coisa de preparar aula com um preciosismo. Foi ótimo porque estudei um monte de coisa, mas não preparo aula daquele jeito mesmo porque não rende.

J – E daquele jeito era o que? Muito comentador, era ler e reler os textos, como é que era?

R – Ahh, era exatamente! [risos] Era ler e reler, era ver vários comentários sobre, ver bibliografia, enfim, era exaustivo, fiquei exausta, era um ano para conhecer toda a teoria antropológica, saber poder responder qualquer coisa, eles nunca perguntavam, era muito mais insegurança minha do que...

J – Você escrevia a aula, tem gente que às vezes escreve como se fosse quase um texto, tem pessoas que anotam, você preparava?

R – No início eu fazia fichamento, bem no início, depois não dava mais tempo nem para isso, nem só fazendo isso eu conseguia. Eu parei e comecei a anotar nos textos. Hoje em dia é o que eu faço, anoto nos próprios textos, até porque agora eu lembro de tudo o que eu já li, pega mais o ritmo, eu lia muita coisa, essa que era a questão. Eu achava que os alunos eram brilhantes, incríveis, que iriam fazer perguntas difíceis e eu me enrolava toda, mas, enfim, deu certo. Mas, era bem... o primeiro ano por isso que eu não considero rotina porque foi uma coisa muito tensa e o Leon muito pequeno...

J – O Leon já tinha nascido?

R – Tinha, mas estava pequenininho. Então, era aprender a fazer duas coisas. Realmente não dá para separar uma coisa da outra nesse início, dessa trajetória porque foram duas novidades para mim muito fortes, tanto dar aula, porque eu nunca tinha dado, quanto ter um filho, porque eu nunca tinha tido [risos] O dia inteiro [risos] eu vou descansar dando aula, vou descansar em casa... era meio difícil, meio carregado porque era novidade.

J – É comum que os professores jovens o pessoal coloque para assumir algum cargo?

R – Pois é... fizeram. Eu mesmo fiz comigo, não vou falar que isso foi culpa de ninguém não, porque eu também não conhecia ninguém lá era meio... eu não fui da UERJ, eu não fiz curso na UERJ, conheci um pouco a Márcia que era a mulher do Reginaldo, conhecia a Lia por outras situações, então eu mesma quis entrar para poder entender como é que funcionava. Eu fiquei o ano passado quase todo em vice chefia.

J – E você conseguia trabalhar lá, tipo ler, receber aluno?

R – Receber aluno sim, ler eu acho difícil.

J – No caso, você já está na pós, você está cadastrada?

R – Eu entrei na pós em 2015 e também relaxei um pouco. A gente demorou um pouco para entrar na pós. Como entraram três antropólogos novos, resolveram parar para avaliação, então a gente ficou dois anos esperando avaliar, dois não, três esperando avaliação da pós, sobre a definição de critérios, não era avaliação do nosso currículo era definição dos critérios para a gente conseguir se candidatar. Eu, Paula e Marco. A gente tinha um currículo excelente não tinha como a gente não entrar. O que fazia a gente não entrar era porque não abria o processo seletivo. Então, demorou, só consegui entrar ano passado. E agora teve descredenciamento de um monte de gente, credenciamento de outros tantos e assim, realmente, o impacto foi grande. Essa renovação, digamos assim.

J – Você tem orientando já?

R – Já tenho.

J – Quantos você tem atualmente?

R – Tenho três.

J – Como é que é aprender orientar para você?

R – Cara eu gosto muito de dar aula e de orientar. É uma coisa que estou aprendendo também. O primeiro foi terrível, eu desisti dele e ele de mim, foi muito ruim, na graduação, né? Na pós eu já estava um tempo orientando na graduação e aí eu fiquei mais calma também de exigir o tom, é muito engraçado o parâmetro do primeiro é você mesmo, e eu era muito CDF, então eu quase enlouquecia quando a pessoa não entregava ou não fazia alguma coisa [risos] dava vontade de esganar a pessoa. Hoje em dia eu estou num ritmo mais legal e já acho bem mais legal a troca com o que eles estão estudando, de entender, porque eu não consigo fazer campo praticamente. Eu consigo fazer um pouco de campo por ano. Não consigo trabalhar em pesquisa como, claro do mesmo formato que antes...

J – Vamos chegar lá já.

R – A orientação é uma chance de eu conversar sobre coisas que me interessam que é o campo, então quando a pessoa me conta, a pessoa que está envolvida no campo.

J – Você fica em cima dos orientandos ou deixa eles mais à vontade para te procurarem? Você fica assim “Olha só cadê você? O que você está fazendo, etc.?”

R – Cara depende do perfil de cada um. Eu modulo mais porque tem uns que te perseguem, você não precisa nem procurar, porque a pessoa para ter qualquer ideia me manda e-mail. Teve uma que ela me falou, que foi a primeira que eu orientei e está agora qualificando, que ela falou que ela estava com dificuldade que estava com orientador que era jovem também e que a deixava muito solta e que ela precisava de alguém, ela praticamente me pediu para dar ordem, aí dei, “vamos fazer isso, o prazo é tal” organizei ela e foi bom, ela conseguiu. Agora, tem gente que não precisa.

J – Vai sozinho. Você chega a fazer coisas coletivas com eles, reuniões coletivas ou você prefere um de cada vez?

R – Eu tenho feito um de cada vez, mas eu gosto de coletiva porque, na verdade, como eu entrei ano passado eu tive uma orientanda ano passado e agora dois, estou com três agora. E está começando a fazer um grupo mais voltado para arquitetura e urbanismo, também tem isso...

J – Tem que ter um perfil similar, né?

R – É, para fazer uma coisa coletiva. A primeira que eu peguei era sobre museu e identidade negra, africana, assim que é um tema que eu posso orientar, mas não é exatamente o que eu quero fazer como coletiva e daí eu não fiz. Mas, por enquanto também eu também tenho feito muita coisa esse ano, esse ano, ano passado eu fiz muita coisa com a Lia, então a gente faz o Núcleo Cidades que acaba juntando várias pessoas, alunos meus, alunos dela, a gente tem uma troca, uma circulação mais coletiva desses alunos.

J – Como funciona? Vocês têm reuniões mensais, tem eventos que vocês fazem juntos, como é que é?

R – Tem reuniões, mas a Lia também... a gente fazia umas reuniões. A Lia fazia mais ano passado, eu participava de algumas, chamava os meus alunos para algumas, e lá também trabalha muito com o tema de favela, que é um tema que eu não trabalho, de violência, não combina. [...] alguns temas comuns. Seminário a gente consegue fazer juntos, participação mais combinada, mais variada sobre o urbano. E esse ano a gente deu duas disciplinas e estamos com mais trocas.

J – Vocês chegaram a dar aulas juntas, você mencionou?

R – Demos agora no PPCIS, na pós a gente deu no primeiro semestre sobre cidades e política e agora que a graduação voltou... a ideia era fazer junto, mas como teve... nós estamos dando uma na graduação sobre etnografias urbanas.

J – E como é que é dividir um curso? Como é que vocês fazem?

R – É muito bom assim... na prática... a gente conta com o nosso conhecimento, eu conheço a Lia desde 15 anos, então a gente conta com uma proximidade porque a gente não chega a combinar. Ela dá o curso do jeito que ela quer dar, ela lê o texto e prepara, eu leio o texto e preparo, a gente vai junto e a gente comenta e tem um bom respeito do que a outra fala, acho que é mais isso, dar o tempo do outro. Mas, a gente tem enfoques muito diferentes, o que é engraçado, às vezes a gente sacaneia o enfoque da outra, não entende porque bota um texto, um texto que eu não gosto, um texto que eu não gosto [risos], mas no geral é bem legal, eu achei dinâmico. Agora é mais difícil por um lado do que dar aula sozinha, porque tem um ritmo, você tem que ter o ritmo do outro, então é dança, se você começar a descompassar muito...

J – Eu já tive uma experiência assim também. É ritmo.

R – É ritmo, às vezes está mais às vezes está menos, às vezes um está também contente o outro está mais... tem o ritmo até da pessoa, né? Um está mais [desanimado 27min14] o curso sobra mais para o outro.

J – Você mencionou que ano passado estava um pouco mais organizada do que quando você entrou no primeiro ano. Você estava muito focada em preparar aula. Você chegava a ter uma rotina do tipo: segunda eu vou preparar aula, terça eu vou fazer tal coisa...

R – Não, mas eu não sou assim.

J – Nunca foi?

R – Não, nunca fui. Eu marco, eu tenho agenda, eu tenho agenda mesmo, eu tenho agenda para o ano inteiro.

J – Esta aqui?

R – Está.

J – Não precisa pegar...

R – Depois você vê, tanto que eu marco contigo, está marcado. Tirando feriado que é meu clássico, eu sempre marco assim “feriado”...

J – Diz muito, diz muito.

R – [risos] eu marquei minha banca em feriado, quando você falou “pô é feriado”, eu falei “caraca de novo eu fiz isso” tirando esse clássico, agora eu estou marcando os feriados. Cara, eu tenho que parar com isso. Mas, eu tenho agenda, eu não me confundo com data, não tem essa “Ah, marquei na minha aula sem saber”, não tem isso. Eu vou vendo que está ficando cheio naquele período e vou parando de aceitar coisas, eu tenho um limite de trabalho que eu

meio administro. Agora eu trabalho muito todo dia, eu tenho uma rotina de trabalho, mas não faço a mesma coisa, toda segunda feira eu faço uma coisa, toda terça eu faço outra...

J – Você tira um dia para fazer uma coisa? Ou você faz várias coisas?

R – Faço a demanda da época, do momento. Eu tiro um dia para preparar aula, mas é o dia que sobrou. Por exemplo, estou marcando coisa, estou marcando coisa, fechou a semana eu deixo um dia para preparar aula. Ou pelo menos, dois períodos da semana para preparar aula que é o que eu preciso.

J – Mas, tem dias que você eventualmente que você está num dia de manhã lendo tese, de tarde fazendo uma outra coisa. Então, você tira aquele dia para ler uma tese, etc.?

R – Não, não... eu faço três coisas ao mesmo tempo, não. Me cansa também ficar no mesmo assunto. Às vezes é melhor... até mesmo parecer de artigo que parece que... para eu conseguir relaxar num parecer eu tenho que ler primeiro, anotar algumas coisas, e depois pego daqui dois, três dias, quatro, uma semana, releio, para ter duas ou três visões sobre a mesma coisa. Se eu pego direto às vezes eu estou muito de mal humor, super mal-humorada e aí acaba que todo comentário eu acho absolutamente estúpido [risos] desnecessários, então, não massacrar no mesmo dia um mesmo assunto me faz mais generosa. Até com a preparação, com tudo, com a orientação, com tudo. Então, não pego mesmo como princípio, não gosto de pegar tarefas enormes, exaustivas...

J – Sei, passar o dia em cima daquilo...

R – Não, não.

J – Tem uma coisa interessante que você defendeu logo o seu doutorado e depois virou professora, um pouco tempo depois. Acho que é uma transição bem peculiar é essa de você ser um pouco estudante para você virar profissional. No caso da pesquisa, como é que foi essa coisa? “Como é que vou fazer agora?” “Vou escrever um projeto para que?” Bateu isso para você ou foi muito natural?

R – Não, porque eu já fazia muito projeto. No pós-doutorado foi um projeto. Essa coisa da consultoria me deixou muito, muito...

J – Sagaz com isso?

R – É... eu sei ler edital, eu sei preparar, eu entendo mais ou menos o que que precisa, se estou na dúvida eu ligo para alguém que já fez, tem uma coisa de produção mesmo. Eu não mistifico muito essa coisa “Ah, agora tem que mandar para a FAPERJ”, eu leio e mando, às vezes até esqueço para onde eu mandei, se eu estou a fim de um negócio eu mando para três, quatro até

algum rolar. O que foi um pouco o que fiz no doutorado, peguei três trabalhos e tudo aconteceu, eu fiquei meio... agora, eu mando para dois editais, se um acontece e outro não tudo bem, vou fazendo um ritmo de edital também...

J – Mas, você se inspira pelo edital, digamos assim, “ah, vou fazer uma pesquisa para esse edital” ou você já tem uma ideia?

R – Não, eu já tenho uma ideia.

J – Ah, e vai procurando.

R – Já tenho uma ideia. Agora, por exemplo, eu não queria... eu estou com um projeto, tenho dois projetos de patrimônio e um de conflito urbano.

J – Você tem dois em atuação agora?

R – Eu tinha um que acabou de fechar na FAPERJ. Tem um que eu mandei e não saiu resultado e outro também. São assuntos diferentes, um é de conflito urbano, que é um projeto com um monte de gente, e outro que é um projeto meu que é sobre patrimônio e cidades e tal, eu estou esperando sair qualquer um dos dois ou nenhum para poder mandar um terceiro projeto. Porque aí eu não sei se vou continuar ou não, quero ter uma flexibilidade, eu tenho duas pontas e são dois projetos que eu queria fazer, mas tenho ideias para um terceiro, mas não faço agora para não ficar com três editais.

J – No caso desse coletivo, você fazer um projeto individual é uma coisa, você domina muito o negócio, todas as etapas, que é diferente de um projeto coletivo que eu já tive, como é que é para montar e etc.?

R – No início do ano teve essa crise também da CAPES e Cnpq que era para ter saído em fevereiro a resposta e nada. Esse projeto foi com um pessoal da UNIRIO, da Heloísa que é de Ciências Sociais, o Joca também está, tem um pessoal de Mato Grosso, tem um pessoal de Goiânia que eu não conheço. Era um projeto sobre memórias brasileiras de conflitos, esse projeto foi voltado para que a gente, que a Heloísa construiu, é voltado para ensino de segundo grau. Então, eu propus, na verdade, eu sabia que o Joca estava fazendo, eu conhecia a Heloísa, eu sabia que eles estavam propondo uma parte racial, uma parte de gênero e eu propus uma parte de urbano que eu poderia fazer, que eu entraria e tinha a vantagem de eu estar numa pós com uma boa qualificação, daria mais uma pontuação para o edital. Aí eu sugeri e entrei com aquele pedaço, mas é um assunto que me interessa que é o período de redemocratização, então coisas que me interessam estudar, que eu já estudo um pouco, que eu conheço um pouco, teria

que organizar em outro modelo, também eu nunca fiz projeto coletivo dessa forma, se sair, a ver...

J – Como é que vai ser...

R – Assim, animada eu fico, eu gosto de trabalhar em grupo, às vezes eu me arrependo um pouco, realmente é mais difícil que o individual, nem sempre funciona. Mas, uma coisa que eu senti ano passado foi a necessidade de trabalhar com outras pessoas, então eu acho que isso foi uma...

J – Quando você fala em necessidade, você quis trabalhar com outras pessoas, você sentiu vontade?

R – É uma necessidade de contato... você estava falando dessa passagem de aluno para professor, eu achei que uma das graças era poder trocar institucionalmente [risos] um dos baratos, o que não dá para fazer quando você é aluno e dá para fazer depois é exatamente fazer uma troca mais horizontal. Esse projeto que eu falei que é individual é o universal, é individual, mas eu chamei a Lia, chamei o Frank, chamei o Joca, chamei a Nina, outras pessoas, é patrimônio, mas...

J – Tem uma galera...

R – Tem uma galera. Claro que assim uma coisa funciona mais e outras menos, mas eu acho que é mais rico na experiência, tende a ser mais rico do que eu pensando sozinha. Eu não sei, tenho que ver se vai funcionar, primeiro se vai sair, depois se funciona.

J – Agora, você falou uma coisa interessante na resposta anterior “hoje, eu faço pesquisa quando dá tempo”, eu queria que você falasse um pouco sobre isso, como você consegue organizar o seu tempo para a pesquisa? Você é antropóloga e para antropólogo o campo é fundamental, né? É uma dificuldade de você ter fragmentação para isso, como é que é isso? Você consegue tirar um mês de férias para fazer?

R – Não, até porque tem o fator Leon, né? Férias...

J – É... não existe.

R – Isso é coisa de gente só com filho grande [risos]. Peguei minhas férias... agora eu tenho greve, é o tempo da greve para fazer pesquisa. Mas, o que eu fiz ano passado que foi legal e funcionou foi fazer campo com os alunos, fiz, eu fazia o meu campo, eles faziam e a gente trocava, era no mesmo lugar, eles iam para um lado e eu ia para o outro.

J – Como parte da aula?



R – Como parte da aula, algumas coisas eram fora, algumas eram dentro de sala e algumas coisas a gente fazia etnografia, eu queria fazer etnografia de coisas de fotografia, que eu nem consegui escrever, mas consegui fazer campo que era tirar fotos num pedaço da zona portuária e tal. Eu fazia uma preparação para eles de paisagem, observação em sala e a gente ia para o campo, eu fazia o campo que eu queria, cada um ia para o lado e a gente se reencontrava no final e conversava, e depois na aula de novo. Então, isso funcionou bem e depois consegui completar um dia ali outro aqui indo sozinha.

J – Um dia ali outro aqui, num espaço de tempo, ficava perdido no mês, ou você conseguia dar um gás?

R – O que eu falo em dar um gás são três, quatro meses daí eu conseguia completar um campo.

J – Você indo direto assim...

R – É indo mais...

J – Quase todo dia?

R – Não, não João,

J – De jeito nenhum...

R – De jeito nenhum, quase todo dia não, nunca mais, nem perto disso... eu consigo ter uma questão, formar uma questão, ter uma noção do que eu preciso de dado empírico para trabalhar aquela questão e ir para campo com aquelas questões. É um campo muito mais limitado do que eu fazia antes, aquela observação, vou morar no lugar, vou ficar no bar esperando uma conversa acontecer ou então vou acompanhar um evento de tal coletivo, ou vários eventos, nada disso dá para fazer agora, não consigo ainda.

J – Imagino que você já tenha falado sobre isso com os seus colegas antropólogos o que é fazer campo hoje tendo todas essas demandas etc., você já pensava sobre isso?

R – Não, não muito.

J – Você sente que afeta eles também?

R – Sim, mas eu acho que aí tem diferenças de geração. Geração de tempo e de momentos de pesquisa. Eu tenho uma questão também que isso faz diferença, eu passo em 2012, estou desde então, minha última escrita da tese eu publiquei agora, eu acabei de escrever, eu tenho muito material de tese, para mim não fazia sentido fazer campo agora, eu não absorvo, eu tenho pastas ainda de dados que não fiz nada com eles, [risos] e eu tenho ideias que eu não consigo parar para escrever e eu tenho produzido bastante. Eles já estão ficando um pouco defasados o que é um problema, por isso, que eu estou tentando também dar um ritmo de publicação rápido, são

dados que foram muito bem coletados, eu fiz muito campo, então vale a pena publicar, vale mais a pena do que eu fazer um campo agora...

J – Entendi.

R – Entendeu, me dedicar a elaborar, analisar aqueles dados. Qualquer campo que eu faça agora é muito menos do que eu fiz. Então, isso é uma característica eu acho do pessoal que entrou comigo, dos novos, todo mundo que entrou há três anos ainda está publicando a sua tese ou dados que não conseguiu trabalhar para a tese, tem muito material ainda, então esses antropólogos que entraram agora...

J – Mas, você tem uma sensação que talvez você nunca mais vai conseguir fazer campo como o que você fez no doutorado ou você acha que é possível?

R – Tenho, tenho concretamente. Nunca mais, nunca mais porque também eu sou outra pessoa, nunca mais porque eu quero fazer outra coisa, não é só frustração nisso, nunca mais porque agora eu estou estudando outras metodologias, análise de discurso, análise documental, antropologia histórica, tem outras formas de fazer coisas, estou preferindo ler, eu fazia muito mais campo do que lia, agora estou invertendo a relação, a orientação demanda muito mais leitura do que campo, eu preciso muito mais das respostas e caminhos do que encontrar dados, a pessoa me apresenta um dado eu dou outro. Então, eu acho que nunca mais por isso, o momento é outro e a questão familiar. Eu sou uma antropóloga mãe total eu não consigo separar as duas coisas, os ritmos eu penso totalmente...

J – Como assim uma antropóloga mãe?

R – Mãe que eu digo... os ritmos que eu faço de trabalho são totalmente associados aos ritmos que eu consigo fazer do ponto de vista familiar nesse momento. Eu não faço planos sem levar em consideração, por exemplo, que o Leon chega às seis horas da tarde, sete, tem que levar para a escola, enfim, eu não consigo fazer mil planos abstraindo, fazendo... então, tem uma limitação de tempo e de energia, não é só o tempo, então quando eu falo assim que tem momentos diferentes, por exemplo, é diferente para mim do que para uma antropóloga ou antropólogo que não tem filho agora e que é jovem. Porque eu sei eles conseguem fazer mais... eu conseguiria fazer campo se eu tivesse ou solteira ou só casada sem filho, eu conseguiria, não acho impossível não, teria mais tempo de ficar à noite. Porque com marido esse negócio “Ah, vou lá hoje fazer um campo e volto mais tarde” e com filho não, não tem isso “Ah, vou acompanhar um coletivo [risos] e hoje eu volto meia noite” ele é muito pequeno e nem eu tenho vontade. Então, não é só uma frustração, é um projeto, não faz sentido. Não sei o que vai ser

quando ele ficar um pouco maior, eu acho que pode mudar o ritmo, mas tendo a achar que campo nesse formato... e não sei, também tendo a achar que esse formato é um formato para doutorado, não faz sentido fazer isso duas, três vezes. Eu acho a minha tese legal, mas acho uma tese de doutorado, eu acho que tem muita etnografia, é muito dado e tem pouca análise, é super legal, acho que é informativa, acho que é relevante, adoro, eu já vejo hoje com o olhar de orientação... fez uma boa...

J – O que você iria aparar ali, né?

R – Não, não só isso, isso eu vou tentando já aparar, mas eu olho já com certo... tem um esforço grande etnográfico, eu acho que eu tenho uma prática etnográfica boa, mas no próximo livro, por exemplo, ou num trabalho mais completo eu teria muita vontade de fazer mais analítico do que etnográfico.

J – Fechando essa parte da pesquisa, quando você pensa em projeto, coisa do tipo, você já tem uma ideia “ah, daqui há três anos quando eu fechar eu quero escrever um livro ou fazer dois artigos” ou isso vai pintando...

R – Não. Isso é a única coisa organizada na minha vida. Eu não consigo começar um artigo e não acabar, por exemplo. Eu tenho pastas e assim eu faço ordem, estou acabando um agora com o Frank, , e tenho já um projeto na frente, tenho um projeto de livro que quando eu acabar o próximo artigo que eu quero publicar vou começar nele, tenho um certo ritmo de produção de escrita, eu adoro escrever, isso para mim é uma questão importante desde o início, era uma coisa que me atraía no trabalho. Hoje a minha questão é muito mais fazer uma escrita mais ampla, que eu acho que foi uma coisa que eu pensei em fazer na tese, que eu quis fazer, eu acho que funcionou, o livro tem um público relativamente amplo...

J – Amplo você quer dizer uma escrita não tão cerrada, acadêmica?

R – Não tão cerrada, uma venda, uma capacidade de venda também, de venda no sentido de um interesse público. Não tenho interesse acadêmico de ficar discutindo com três pessoas brilhantes, não é a minha onda de ser a referência da antropologia para, sei lá, para aquele núcleo super pequenininho, não é a minha onda não.

J – Você mencionou que você tem um interesse grande pela escrita. Eu vou te perguntar, você até já começou a falar, como é que que você escreve na prática? Digamos assim, você tem uma ideia, você faz um rascunho e o texto tem que sair do começo ao fim ou você para e volta, para e volta, reabre...

R – Paro, volto, reabro... demoro muito como as outras coisas, por exemplo, tenho três, quatro artigos abertos eles vão acabar com certeza.

J – Você costuma ter três, quatro artigos abertos?

R – Tenho, tenho. Eles vão acabar, eles não ficam incompletos, uma hora eles acabam. Mas, dependendo do artigo, por exemplo, tem um que eu vou publicar agora na Mana, sem brincadeira, eu demorei... esse artigo foi muito engraçado quando eu estava concluindo, entre aspas, o artigo minha bolsa estourou o Leon nasceu [risos] no dia que eu estava assim “eu tenho que acabar esse artigo”, eu demorei mais três anos para achar que ele tinha acabado de fato. Se eu não estou satisfeita eu vou fazendo, vou fazendo, vou fazendo, esse para mim foi o artigo mais difícil, eu demorei anos fazendo e eu nunca iria desistir dele porque para mim era um artigo importante, que era um artigo sobre Candomblé, sobre patrimônio no Candomblé, era um artigo muito difícil para mim.

J – E ele ficou aberto lá quase três anos?

R – Eu voltava nele o tempo inteiro, não é que ele ficou aberto, abandonado. Eu publiquei uns três antes de acabar ele, eu fui botando outros na frente que eu estava conseguindo resolver de uma forma que eu gostava mais, que estava mais fácil para mim resolver e ele lá aberto e eu resolvia um e voltava para ele e nada, resolvia outro voltava para ele e nada, até que esse ano eu mandei sem resolver, esse ano não, ano passado, eu pensei “ahh, tenho que tentar” vou mandar esse artigo e ver o que o parecerista vai dizer, pode me ajudar. Veio um parecer de cinco páginas detonando o artigo depois de três anos trabalhando nele.

J – Te deixou meio...

R – Eu não sei quem foi, mas tinha toda razão.

J – Mas, te deixou mal?

R – Me deixou não... [risos] me deixou aliviada porque a pessoa me deu caminhos, caminhos que também eu não usei, um parecer de cinco páginas a pessoa me sugeriu deus e o mundo, mil coisas, fez mil críticas, mas três ou quatro coisas resolveram o artigo para mim. Algumas coisas que a pessoa falou, de fato, aí nesses três meses, eu fiquei três meses realmente acabando o artigo depois desse parecer, aí eu achei que ficou bom e rolou, o artigo foi. Mas, eu precisava muito de um retorno desse, porque é o retorno da crítica, a gente tem pouca crítica eu acho que isso é um problema... eu, pelo menos, eu tenho uma crítica doméstica que é o Joca...

J – Você passa os artigos para ele?

R – Passo no final.

J – Quando já está mais bem acabado?

R – Quando eu acho que acabou, porque o Joca reclama que eu escrevo muitas vezes, então... claro que quando a gente começou a namorar ele lia mais, agora ele já está [risos] “eu não aguento mais esse artigo!” então, eu já poupo um pouco o público, eu tento passar só no final as vezes eu não passo mais, dependendo se eu já tenho uma boa crítica de um parecer eu não passo para o Joca. Eu acho que como eu tenho espaços mais institucionalizados já fica mais fácil isso. Antes eu não passava para ninguém, assim, não tinha, para o Joca que eu passei mais porque também tem isso, não necessariamente namorar alguém da área significa que você tenha uma troca boa intelectual, crítica. Com o Joca foi legal, ele consegue dar um bom retorno. Agora, sem ser essa doméstica eu tinha era congresso que era uma droga, porque as pessoas não leem, não escutam, não comentam, está tudo ótimo é um social só. Eu consigo ter realmente um retorno do que eu escrevo com parecerista. Eu considero uma ajuda mesmo que venha detonando... claro que me dá raiva, no primeiro dia me bate “putz, não tem nada a ver o que a pessoa falou”, normal todo mundo tem isso um pouco, mas depois é a crítica que mais me ajuda.

J – Você vai direto para o computador ou você faz um esqueminha na mão, manuscreve alguma coisa digamos no papel e tal? O artigo...

R – Depende, depende... não às vezes eu anoto no papel de restaurante uns tópicos, aí qualquer coisa...

J – É mesmo? Pode ser uma ideia?

R – Qualquer coisa... totalmente, às vezes eu acordo no meio da noite, baixa uma ideia eu vou para o computador, anoto e volto a dormir [risos] porque senão não consigo dormir de volta, depende em qual etapa eu estou do negócio...

J – Isso te acontece mais no início?

R – Não, não...

J – Ao longo de todo o processo o artigo te assombra?

R – Me assombra totalmente, totalmente, o artigo me assombra, os dados me assombram, as pessoas, as falas, é uma onda, eu tenho muita onda com escrita.

J – E os dados. Você tem muitos dados, você mencionou, você tem tudo em pastas, etc., na hora de escrever eles precisam estar fisicamente contigo ou você processa eles de algum jeito para aí escrever? Você faz um arquivo comentando as entrevistas, sei lá, e aí você senta para escrever?

R – Não, é o que eu lembro. Eu sei onde está, eu sei onde estão os dados, porque se eu paro para ver os meus dados eu não escrevo. Porque eu tenho esse problema de ficar presa no fato, no analógico do fato...

J – Se você abre a pasta você morre ali, digamos...

R – É porque alguma coisa... normalmente, eu escrevo assim “tive uma ideia porque eu lembrei de alguma coisa que aconteceu em campo porque não sei o que, não sei que lá” aí eu escrevo essa coisa. Aconteceu alguma coisa em campo não sei o que... tem um artigo que eu escrevi até para Estudos Históricos que foi um comentário que você fez naquela...

J – Aula...

R – Exatamente lá da FGV. Você falou “pô, isso é legal você não diz isso de forma tão explícita na sua tese” eu disse “é verdade, eu não disse isso de forma explícita na minha tese isso dá um artigo inteiro porque eu tenho outros dados”. E eu fui tentando. Saiu essa coisa de patrimônio, eu tentei mandar para o dossiê aí eu escrevi a partir dessa ideia tentando colocar um pouco como central, claro depois coloquei outras... às vezes é uma ideia, não é nada tão organizado e seu abro todas as pastas outras ideias aparecem e atrapalham...

J – Você precisa ter um foco para aquilo...

R – Uma narrativa. Mesmo que depois eu abra, no final eu costumo abrir mais porque eu vejo se tem alguma coisa nos meus dados que ajuda para aquela ideia.

J – Esse papo está muito interessante sobre os artigos. Eu tenho a impressão, você falou em narrativa, porque o treinamento geral da sociologia é uma coisa muito assim a questão analítica, questões e tal, e para o historiador, e não sei se para o antropólogo, a ideia de ter uma narrativa que envolva os dados, os personagens acho que é central para a espinha dorsal, isso rola para você, se tem que ter não apenas as questões, mas certa história que permeia?

R – Eu sou muito mais assim, inclusive eu tenho dificuldade de começar um artigo teoricamente, uma questão porque eu tenho muito mais... eu acho que é uma forma de pensar, acho que é uma questão pessoal característica de como cada um pensa, tem pessoas que pensam teoricamente, pessoas que pensam mais empiricamente, eu preciso... O que me dá um estalo é alguma coisa que aconteceu, mesmo que seja um comentário não é uma ideia que me conquistou muito não, eu vejo alguma coisa que me chama atenção aí eu começo a ver como é que eu explico aquilo. Pode virar um artigo mais teórico, pelo menos tentar virar tentar um artigo mais teórico, mas a questão é como que eu explico aquilo e como é que aquilo se torna relevante para quem vai ler, aí entra a narrativa de novo porque eu não sei, eu queria realmente

alcançar uma escrita mais interessante para quem lê, eu gosto dos textos teóricos, mas eu tenho a sensação que eles são pesados e muitas vezes eles não explicam, não fazem conexão com as questões concretas, aí me diz pouco, não conquista, eu sei que tem gente que adora e é super conquistado pela abstração das ideias, mas não é...

J – Não é a sua vibe, digamos...

R – Não é...

J – Isso se relaciona com um interesse seu por literatura em geral, por produção de ficção ou vem mesmo...

R – Por cinema, acho que mais do que por literatura por cinema, narrativa, documentário, trabalhei um pouco com documentário, então com literatura um pouco. Eu li um pouco de literatura na época de escrever a tese eu estava com algumas dúvidas, por exemplo, construções verbais, eu vi que tinha vício de construção verbais, na antropologia não adianta ler quinhentas coisas que não vai me explicar isso, eu fui ler o Flaubert, entendeu? [risos] porque tinha construções verbais interessantes, como é que ele faz uma boa descrição, porque eu queria aprender a fazer uma descrição que fosse legal que fosse interessante para quem fosse ler, ficar assim “aqui tem, aqui tem não sei o que”. Então, eu fiquei numa onda, eu li algumas coisas para conseguir desenvolver verbos, daí tem um pouco de literatura nisso, nada me enlouquece mais do que duas palavras repetidas no mesmo parágrafo, eu tenho mania de revisão, acho que o texto faz diferença, mas aí eu gosto muito de português, não vou nem falar que é de literatura [risos] é da língua, mais do que da literatura assim...

J – Cara nós temos um cotidiano muito demandante, mesmo que você não queria mais ir nas reuniões as coisas aparecem na sua caixa de e-mail enfim..., aliás quantas você abre a sua caixa de e-mail por dia?

R – Várias, várias...

J – Várias. Mas, você lê tudo o que está lá quando você abre? Você está escrevendo um artigo, cansou e abre um e-mail?

R – Eu faço pausas do tipo... eu não abro, eu não fico tempo inteiro abrindo senão eu não consigo trabalhar, por exemplo, estou aqui e não estou abrindo e-mail senão não consigo trabalhar contigo. Por exemplo, estou corrigindo prova, pô corrigir prova é chato para cacete, né? Corrijo uma, abro e-mail [risos], aí respondo e vou corrigir duas, paro, respondo alguma coisa, normalmente, eu respondo e-mail de manhã...

J – Se é uma rotina, você mata de manhã aquilo ali...

R – De manhã se tem alguma coisa mais urgente, se eu sei que a pessoa está ansiosa para ter... eu sou muito ansiosa...eu não consigo deixar o outro ansioso. Por exemplo, marcação de data eu respondo rápido porque eu sei que o outro está dependendo da agenda para não sei o que, então eu não enrolo. Agora uma coisa mais bate papo eu posso responder no final do dia se der tempo, mando pelo celular, mas, eu respondo sempre, mesmo aluno não tem muito... acho um saco quem não me responde e é também isso, eu sou muito impaciente para comunicação.

J – Mas diante desse cotidiano todo de abrir e-mail, de ser demandado, você consegue tempo efetivo para escrever pelo visto...

R – Consigo, o tempo que eu consigo é esse. É o meu tempo mesmo.

J – É o seu tempo?

R – É o meu tempo, é o que eu mais gosto de fazer é o meu tempo e pronto...

J – Você ativamente procura isso, né? No sentido, “não, eu vou arranjar tempo para escrever”

R – Com certeza, por exemplo, agora eu estou indo... setembro está um mês muito louco, atípico, estou com muita coisa, estou na banca do mestrado, estou com dois pareceres, juntei muita coisa, qualificações, eu sei que eu não vou escrever, eu abri mão. Setembro eu sei que não vai dar tempo de escrever, estou finalizando um artigo com o Frank, estou “olha, tem um problema aqui...”, mas, a gente já vai mandar dia 20 que é para a ANPOCS porque tem um prazo, eu sei que setembro não dá para abrir, outubro também ainda está meio tumultuado, novembro eu volto a escrever. Eu marco comigo porque eu sinto falta mesmo [risos] tipo assim “estou de férias...” não é uma coisa que me massacra não, é um tempo que eu tenho para pensar, porque aula não me faz pensar, eu gosto dos alunos, gosto de dar aula, mas não me faz pensar, no departamento, então, pelo amor de deus, acho uma perda de tempo, acho insuportável, Não curto mesmo, tem gente que gosta mais, não tenho saco, não tenho paciência, fico pensando nas coisas que tenho para fazer e estou ali, são aquelas coisas que demoram um dia inteiro, podia estar lendo, podia estar escrevendo, não tenho...

J – Agora, você tem junto da tua formação, você tem uma experiência longa, trabalhou em ONG, em consultoria, etc., hoje você está mais no acadêmico. Você ainda tem alguma atividade que é para um público fora da academia de algum jeito, consultoria, ou ONG, ou alguma coisa, ainda tem algo assim na sua vida, no seu cotidiano?

R – Não, não assim diretamente não. Não trabalho já desde do fim do doutorado eu saí mesmo da consultoria, foi uma coisa que não voltei de fato, nem ONG.

J – Sente falta?



R – Não [risos]. Tenho muita crítica a tudo... o acadêmico, é engraçado, eu acho chato essa coisa do cotidiano, dos colegas e tal, mas eu gosto do ritmo acadêmico, é onde eu me encontro melhor de trabalho. Eu gosto, por exemplo, de falar, de fazer palestra, tem coisa... cada um se angustia com alguma coisa, tem gente que detesta escrever, tem gente que detesta falar, eu fico um pouco nervosa, mas eu gosto, não é uma coisa que sofra durante muitos dias, eu sou feliz naquele momento. Então, politicamente é muito mais livre pois é a tua opinião, não tem... o trabalho é coletivo em termos, você pode simplesmente discordar da linha, do que está acontecendo ali, do outro colega, do outro colega, enfim, não tem pacote, então isso para mim foi libertador. ONG não tem isso, Estado não tem isso e mercado muito menos, então a academia é meio... consigo fazer o que quero e claro cumpro os prazos, sou funcional, me preocupo em ser funcional, mas tem uma liberdade de pensamento maior, então não me meto muito... agora, o que tenho muito são alunos engajados, assim eu gosto muito de política, é um tema forte para mim, então eu acho que o meu papel, digamos assim, de atuação mais social, digamos, é acadêmico, é orientar os alunos engajados, dar ferramentas, pensar com eles, pensar coisas que eles não estão conseguindo pensar direito, por exemplo, o lugar de fala que é uma questão que eles estão ali enlouquecidos, eu também não tenho ainda respostas, mas eu estou pesquisando, nem são os meus alunos, mais para ver se eu consigo dar uma orientação, porque eu acho que é uma questão importante, questões identitárias, tento fazer uma atuação mais intelectual mesmo de orientação...

J – Dentro do seu espaço via aula, de relação com os alunos, etc.

R – É, é...

J – Porque essa coisa sou do colegiado, vou ter uma atuação de representação de docente não é muito do seu interesse?

R – Não, eu tentei no passado, acho que isso pode mudar, acho que isso é um momento também, mas não me vejo hoje disputando poder, disputando prestígio acadêmico, fazendo mil conciliações e mil combinações para poder acertar tal coisa. Eu me ofereço, participo das comissões, enfim eu sei que tem um trabalho a ser feito e me ofereço para trabalhar, não é que eu saia do trabalho, mas essa coisa da liderança do processo institucional eu acho que não vai ser a minha onda mesmo, não me parece entendeu? Pode ser que mude.

J – E a vida científica, você tem interesse? Porque uma coisa é a vida departamental outra coisa é a ABA, ANPOCS, organizar, tem uma coisa de gestão intelectual aí... isso te interessa?

R – Isso me interessa mais, isso me interessa mais.

J – Você tem alguma coisa nisso rolando?

R – Eu iniciei um GT na ABA com o Reginaldo, mas ainda muito nessa... assim que eu passei para a UERJ, ainda muito nessa vinculação de aluna, eu adoro o Reginaldo, me dou super bem mesmo, não tenho restrições, mas é hierárquico, é porque foi, é porque será sempre. É a relação, como a relação foi construída. Eu tenho vontade mesmo de fazer experiências com colegas da minha geração, é a minha onda hoje, eu tenho problemas com hierarquia, problemas assim eu acho chato, já estou meio saturada, eu queria muito trocas, por isso, que estou gostando de fazer coisas com a Lia também, trocas mais horizontais que eu possa “olha, não gostei ou não entendi ou o que você acha?” que a pergunta seja de fato uma pergunta. Então eu acho que isso é possível fazer daqui há um tempo, é uma coisa que eu tenho olhado mais, visto mais, nesses editais, mas é difícil, eu não vejo muito... difícil que eu digo, assim, acho que é uma coisa de tempo também, esses vínculos.

J – Você tem uma coisa muito planejada, isso se reflete na maneira como você vê um pouco a sua carreira? Você pensa assim “daqui há dez anos eu gostaria de mais ou menos estar fazendo tais coisas” você pensa o que você está fazendo em relação a uma ideia de futuro?

R – Eu penso mais para produção.

J – Mas, é isso mesmo para a produção você tem essa clareza?

R – Tenho mais ou menos, essa coisa mais produção mesmo do tipo eu tenho um projeto de livro que eu quero começar a fazer a partir do ano que vem que eu já estou, que eu vou começar com o artigo tal eu já sei para onde eu vou mandar, com quem que eu vou dialogar e deve se desdobrar no livro que eu já tenho os dados que são inéditos, isso eu tenho já, a partir daí a minha vontade é de fazer uma interlocução maior com a arquitetura e urbanismo, é a minha forma de atuação que eu acho mais concreta porque aí é uma troca extramuros, como troca não só como campo, esse campo... não é só o meu objeto de estudo, eu queria fazer uma troca intelectual de fato, pensar a cidade, pensar em outras formas, pensar em outras lógicas, outras lógicas inclusive de abordagem, que eles tem uma abordagem muito diferente, que eu acho que tem coisas interessantes outras não, enfim... então, eu acho que isso é uma produção que me interessa e aí a partir dessa eu tenho um planejamento [risos] dessa produção, isso dando certo, isso rendendo e tal, fazer um diálogo mais interno com a antropologia, entendeu? Mas, a minha base, a base que para mim seria sólida seria a produção. .

J – Nessa coisa sua de planejar um pouco produção não essa coisa de congresso e tudo, a coisa de internacionalização bate para você?

R – Bate, total, total. Eu tenho vontade de trocar com outras coisas isso é mais concreto para mim do que ficar naquele reme reme, eu acho já muito saturado as Ciências Sociais no cotidiano, nesse cotidiano mesmo até de congressos, dos espaços, para minha vida, eu não acho legal, eu não acho um bom caminho, claro que tem pessoas também, como eu falei da consultoria, que fazem isso brilhantemente, de forma leve, de forma incrível, não é para os outros, não é uma coisa normativa nesse sentido, mas eu canso muito de ambientes constantes assim e que são muito lentos para você conseguir fazer alguma coisa, para você ter uma troca legal, eu prefiro trocar o ambiente do que assim... eu estava outro dia conversando, eu estava pensando em ir para Nova Iorque ir fazer um pós-doc lá, o Joca também está a fim de fazer, e volta de novo tem o pacote, nós estamos esperando o Leon ficar um pouco maior, daqui a um ano ou dois, pode ser não, vai ser porque a gente já pediu, teve que organizar o afastamento. Eu estou procurando agora quem é uma pessoa legal em Nova Iorque, na universidade de Nova Iorque ou em Chicago para ver quem pode me orientar nisso, são duas escolas possíveis, então isso eu acho que pode ser mais, dar um gás assim e articular com gente do cinema também, de arquitetura, de urbanismo, mais aberto sabe? Eu não sei se está dando para entender o meu foco é mais externo, mais externo assim eu tento ampliar mais, mesmo que não seja o último grito da antropologia urbana [risos]

J – Entendi, entendi. Deixa eu fazer uma última pergunta. Para muita gente essa coisa da escrita, você mesmo falou, não é apenas um sofrimento ou uma pressão externa. Estou correto em achar que para você não é necessariamente?

R – Não é, eu adoro escrever, sério mesmo, não é papo...

J – Então, quando as pessoas falam “para estar na pós tem que publicar”, para você não é uma questão porque você já faz isso?

R – Eu adoro, eu penso assim “ai que bom vou publicar muito, vou levantar a nota do programa e não vou precisar fazer mais nada aqui” [risos] Não me deixar só publicando, é o meu oásis, não precisar fazer mais nada muito burocrático e poder escrever. Eu fico, pode ser se tivesse um tempo maior eu ficaria horas escrevendo, não tenho o menor... é o que eu mais gosto de fazer, eu fico horas em um parágrafo, para mim é um momento de reflexão de fato, das minhas coisas, do que eu penso, essas coisas dos assombros, eu fiz muita terapia também junto com o campo, porque eu conheci muita gente naquela época, eu circulava muito e as pessoas tinham questões e eu era muito sensível às questões.

J – Terapia você quer dizer informalmente não que você estivesse fazendo análise?

R – Não, estou falando... como assim?

J – Porque você falou “eu fazia muita terapia com o campo”?

R – Não, eu fazia mesmo, eu ia para a terapeuta [risos] eu fazia junto porque aquilo me assombrava de fato. Eu parei de sonhar com o campo há pouquíssimo tempo. Mas, é uma coisa legal não é ruim para mim porque me faz pensar desde do que aconteceu na minha infância até nas mobilizações de hoje, até o que tem de interessante no mundo, até entender alguns filmes o que eles dizem, me sensibilizar mais, entrar na onda das pessoas do que elas pensam, do que eu estou pensando, então eu tento fazer muitas conexões, tento não, eu faço de qualquer forma, fazia terapia para poder trabalhar as narrativas, porque a terapia trabalha narrativa também, não é uma terapia “ah, estou sofrendo vou fazer terapia” é para conseguir elaborar essas conexões porque senão te assombram, pelo menos me assombram, senão não consigo elaborar a história, essa narrativa, o contexto, a pessoa. Então isso para mim a escrita tem esse lugar subjetivo, não só... é claro que eu sei qual o lattes, sei a pontuação de todas as revistas, não estou falando que escrevo qualquer coisa e estou ótima na minha cabana, não é isso não, eu sei perfeitamente a pontuação de tudo, quanto eu vou pontuar, o que aquilo vai contar, se eu vou conseguir outro edital ou não por causa daquilo.

J – Isso entra no seu cálculo para onde você vai mandar os artigos?

R – Sim, isso sim. Ou para onde eu quero fazer parceria também. O cálculo não é só necessariamente da pontuação. As vezes alguém me chama para mandar um artigo para uma revista, alguém que eu conheço que é para mim uma parceria importante, que eu acho um trabalho legal, pode ser que não seja uma parceria para agora, mas pode ser para frente eu mando para aquela, ou tento fazer alguma coisa para aquela revista, isso eu faço, não é para qualquer revista também, tenho uma coisa de saber mais ou menos quem está ali, quais são as condições, essas contas todas eu faço não é tão desconectado, mas eu gosto, não é um sofrimento. Eu sei que tem muita gente que sofre, a escrita não é uma coisa assim... eu acho que é sofrimento também [risos] só que eu gosto, é sorte, é sorte eu procurei um lugar que eu pudesse fazer isso também, é sorte.

J – Roberta, acabei. Queria te agradecer.

R – Ótimo, eu falo para caramba...

[FIM DO DEPOIMENTO]